

A «Viagem» de Sucesso de Tsou Poe Tsing

Maria Fátima NUNES*, *CELCC Instituto Superior da Maia*

Pretendo refletir sobre a viagem da China para Portugal empreendida por Tsou Poe Tsing, um dos imigrantes pioneiros de origem chinesa que chegou ao Porto, nos anos 1920. Contudo, como a viagem foi apenas o início da mudança de vida de Tsing, que constituiu um exemplo para a pequeníssima comunidade chinesa em Portugal, proponho-me narrar a sua história de vida, desde a viagem, à inserção na sociedade de acolhimento, à mobilidade social. Basear-me-ei em palavras e imagens da memória de um dos seus filhos, Fernando Tsou, fixadas no documentário *Pioneiros, palavras e imagens da memória*, e ainda em outras vozes de pessoas que o conheceram, outros textos, outras imagens que serão um contraponto à informação recolhida no trabalho de campo.

Palavras chave: imigração chinesa, culturas e identidade, redes, *guanxi*, mobilidade social, cinema

* Doutora em Antropologia, Antropologia Visual. Professora de Semiótica da Imagem Dinâmica e de Projecto Intermédia II (Estudos Fílmicos) no Curso de Artes e Multimédia, no Instituto Superior da Maia. Investigadora do Centro de Estudos de Língua Comunicação e Cultura (CELCC-CEL - ISMAI) e investigadora colaboradora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI – Universidade Aberta).

Desde há cinco séculos, a China e Portugal encontraram-se, estabeleceram relações comerciais, confrontaram-se, ignoraram-se. Contudo, independentemente da época, os Homens destes dois países viveram e vivem, ainda hoje, uma ligação entre si.

As viagens existiram e existem em ambos os sentidos. As ligações entre estas duas sociedades são reatualizadas. No início do século XVI, foram os Portugueses que viajaram rumo ao Oriente e instituíram relações comerciais. Hoje, são os Chineses que se dirigem para a Europa do Sul, nomeadamente para Portugal.

É sobre a viagem da China para Portugal de Tsou Poe Tsing, um dos imigrantes pioneiros de origem chinesa que chegou ao Porto, nos anos 1920, que vou refletir neste texto. No entanto, a viagem, possível devido à existência de uma rede social e de parentesco, foi apenas o início da mudança de vida de Tsing. Depois da sua instalação no Porto, a sua vida foi um exemplo a seguir pela pequeníssima comunidade chinesa em Portugal. Por isso, proponho-me narrar a história de vida deste pioneiro, desde a viagem, à inserção na sociedade de acolhimento, à mobilidade social.



Figura 1. Tsou Poe Tsing

Tecerei o texto a partir de palavras e imagens da memória do único dos filhos que com ele trabalhou até à idade adulta, no armazém de confeção e de revenda de gravatas, Fernando Tsou, fixadas no documentário *Pioneiros, palavras e imagens da memória*, e ainda a partir de outras vozes de pessoas que conheceram Tsou Poe Tsing, outros textos, outras imagens, ou seja, um olhar exterior que complementaré e, por vezes, será um contraponto à informação recolhida no trabalho de campo.

O início da «viagem» de Tsou Poe Tsing

No início da década de 20, do século XX, Tsou Poe Tsing fez uma primeira tentativa de emigrar rumo ao Japão, “atraído pela construção civil” [palavras ditas por FT, cf. documentário, 00:16:08], pelo desenvolvimento deste país e provavelmente também para não ter de se alistar na armada do Kuomintang, à semelhança de outros seus

conterrâneos desta época¹. “Só que o trabalho no Japão era um trabalho muito escravo, era muito degradante [...], então fugiu. Houve um grande terramoto no Japão” [FT, 26/11/2005], em Tóquio, em 1923. “Nele morreram mais de 100 000 pessoas, tendo sido muito maior o número de feridos. Mais de 3 milhões de pessoas perderam a sua casa, a maioria das quais em fogos que se seguiram, e não devido ao próprio terramoto” (Henshall 2004: 153).

Antes deste desastre natural, o Japão vivia uma situação económica de recessão. A reconstrução após o terramoto de Tóquio em 1923 propiciou um pequeno impulso, que provavelmente absorveu alguma mão de obra estrangeira, oriunda da China, para a realização de trabalhos na construção civil. Segundo Ma Mung (2000: 39), nas décadas de 1920 e 1930, havia o registo de algumas centenas de chineses, oriundos de Qingtian e arredores, no Japão.

A situação de trabalho semiescravo referida por Fernando Tsou parece ter sido determinante para o retorno de seu pai à China, à pequena aldeia² situada na província de Zhejiang³. Aldeia pobre cuja população vivia da agricultura.

Tsou Poe Tsing era um dos cinco filhos [3 rapazes e 2 raparigas] de uma família de agricultores, que “vinha trazer os produtos agrícolas de Haidu para Qingtian, que era a cidade mais próxima e que levava à volta de meio-dia a chegar da aldeia à cidade” [FT, 09/11/2005, cf. *Pioneiros*, 00:13:39]. A emigração era uma alternativa ao trabalho da terra (Pan 2000: 75).

As décadas de 20 e 30, do século XX, foram marcadas por uma grande mobilidade da povoação chinesa a nível interno e internacional. Provavelmente em 1924, Tsou Poe Tsing, com a idade de 28 anos [nasceu a 5 de agosto de 1896], embarcou num dos principais portos de embarcação, Shantou, situado na província de Guangdong [Cantão] para Singapura. Os outros portos de embarcação eram Amoy e Hong Kong (*idem*).

Neste tempo em que as dificuldades de transporte e de comunicação constituíam um obstáculo para os movimentos de pessoas, no momento de emigrar era muito importante estar inserido numa rede social, que proporcionasse recursos e apoios necessários durante a viagem e no momento da instalação no país de acolhimento.

Nessa época havia muitos camponeses pobres de Qingtian que carregados com esculturas de pedra [...] iam para o estrangeiro ganhar a vida. Sendo um jovem com muita força decidiu ir experimentar fortuna. Em 1926, fui a França (Feng, 1983) (Antolín 2003: 94 - tradução minha).

Assim como este pioneiro de Qingtian que partiu para França, Tsou Poe Tsing trouxe alguns objetos étnicos (“dois serviços de chá de porcelana muito fininha e outros objetos [FT, 18/11/2005, cf. *Pioneiros*, 00:18:03]), alguns dos quais terá provavelmente vendido durante o percurso para fazer face aos custos da viagem.

¹ Cf. Artigo de Véronique Poisson (2006), onde a investigadora apresenta a biografia de Hu Xinzhen, que considera ilustrar a figura do emigrante da época. Segundo um jornal local sobre a história dos chineses do Ultramar, em 1925, Hu Xinzhen partiu para o Japão para não se alistar na armada do Kuomintang.

² O nome da aldeia, de onde Tsou Poe Tsing era oriundo, é difícil de determinar, pois na autorização de residência em França a indicação que surge é “Ai Ou”, na autorização de residência emitida em Antuérpia um ano mais tarde, 1925, “Tsin Dien”, na província de Chekiang (Zhejiang), Fernando Tsou refere-se a Haidu.

³ Zhejiang é uma das províncias mais pequenas e mais povoadas, situada no sudeste da China.

Fernando Tsou lembra que, numa das conversas com um primo, residente em França, foi focada a questão de a família do pai não ser pobre, “porque se fosse pobre ele não podia emigrar, tinham que ter algum dinheiro, tinha que ser uma família abastada para poder mandar os filhos para o estrangeiro ou para lhes dar a possibilidade de eles poderem emigrar, portanto não eram pobres” [FT, 09/11/2005, cf. *Pioneiros*, 00:13:14].

Encontram-se vários relatos de imigrantes desta época que contam a forma que encontraram para angariar dinheiro para a viagem.

Para recolher o dinheiro da viagem recorria-se a todos os meios e pedia-se emprestado a toda a gente. Hipotecavam-se ou empenhavam-se as propriedades da família [...]. Os usurários ficavam com as propriedades hipotecadas, o juro aumentava todos os anos (Jin, 1983) (Antolín 2003: 96).

Hu Xicun foi para França em 1933, para consegui-lo teve de vender por três vezes as propriedades da sua família. A primeira, porque o roubaram no barco que o levava a Shanghai. A segunda, porque o dinheiro que levava para os gastos da viagem não era suficiente e teve de regressar. Finalmente, para reunir os 300 dólares, acabou por vender todas as suas propriedades: vinte áreas de terra de regadio e três mil canas de bambu. Além disso foi visitar o irmão que vivia em Ri’na e os seus familiares em Tangxian – Qingtian –, cada um emprestou-lhe 100 dólares e por fim utilizou o preço da noiva ao casar a sua filha, o que lhe proporcionou 64 dólares (Jin, 1983)» (*idem* 2003: 96-97).

Para muitos camponeses, não era tarefa fácil reunir dinheiro para a viagem, que constituía o início de um novo percurso de vida. Recorriam sempre que possível ao crédito de familiares, pois as condições de pagamento eram mais fáceis, mais alargadas no tempo, os juros inferiores aos praticados pelos bancos⁴, a devolução podia não ser em dinheiro mas em informações, contactos sociais, favores, presentes, apoios, ... (*idem*, 2003). A hipoteca de propriedades também era outro dos recursos possíveis para angariar dinheiro. A dívida, mais do que uma questão de dinheiro, é uma relação de poder entre o usurário e o devedor, que fica sempre numa posição subalterna.

Tsou Poe Tsing pagou uma parte da viagem “num navio cargueiro, onde trabalhou, fazendo provavelmente limpezas” e enviou dinheiro, durante muito tempo, para os pais para acabar de pagar a viagem. Fernando Tsou tem na sua posse algumas das cartas que o pai recebeu, vindas da China, com vales comprovativos do envio de dinheiro [FT, 09/10/2007].

⁴ Os bancos especializados em emigrantes tinham a sede em Shanghai, alguns dos quais pertenciam a pessoas de Qingtian (Antolín 2003).



Figura 2. Autorização de residência de Tsou Poe Tsing em França

Na época em que Tsou Poe Tsing emigrou (1924), era necessário passaporte⁵ para viajar para países da Europa. Quando coloquei essa questão a Fernando Tsou, confirmou que o pai tinha saído da China com passaporte, embora o primeiro documento que comprova a entrada de Tsing na Europa, tenha sido emitido em França, pelo prefeito da Polícia em Paris, em 6 de maio de 1924.

Segundo Antolín (2003), só em 1927 abriu em Shanghai o primeiro Escritório de Segurança para emitir passaportes para enviados do Governo em missão ao estrangeiro e estudantes. Para um cidadão normal, era extremamente difícil a obtenção do passaporte, daí o recurso ao mercado negro. Em Shanghai, operava uma espécie de «agência de viagens internacional», que facultava “o passaporte, o bilhete, acompanhava os emigrantes ao barco e inclusivamente tinha contactos com emigrantes nos países de destino que iam recebê-los ao porto oferecendo-lhes residência e trabalho” (Antolín 2003: 98). Uma rede social de apoio à emigração constituída por emigrantes retornados de Qingtian, Wenzhou e Shanghai, que funcionavam como intermediários que tinham muitos contactos e *guanxi*⁶ importantes para o apoio à emigração.

Entre os futuros candidatos à emigração e estas organizações tecem-se laços débeis (Granovetter 1973), ou seja, com uma duração curta, impessoais, esporádicos que em troca de dinheiro prestam um serviço. No entanto, por vezes, devido ao conhecimento de alguém que já tinha usufruído destes serviços, houve um tratamento especial, devido a esses laços baseados na *guanxi*

Shi Xiang foi a Shanghai a casa de um parente que vivia ali que o acompanhou para conseguir o passaporte. Ao viver muitos anos em Shanghai, falava a língua local e graças a ele conseguiu um preço mais barato do que o habitual (Chen, 1986) (*idem* 2003: 99).

⁵ Até à Primeira Guerra Mundial, o passaporte não era um requisito obrigatório para viajar.

⁶ “A *guanxi* baseia-se numa identidade que pode ser associada, como por exemplo «ser do mesmo povo», ou resultar de escolhas individuais voluntárias como a amizade” (Beltrán Antolín 2003: 136).

Ainda que Tsou Poe Tsing tenha saído da China antes de 1927⁷ [data apontada por Antolín de abertura do primeiro escritório de emissão de passaportes], na sua autorização de residência, em França, na rubrica respeitante às “Referências no estrangeiro” surge o nome de Dang Tang Cai, residente em Shanghai. Fernando Tsou desconhece a quem se refere este nome. Talvez o da pessoa pertencente à empresa que lhe emitiu o passaporte em Shanghai?

Figure 3 shows a French passport application form for Tsou Poe Tsing. The form is filled with handwritten information in French. On the left, there is a small portrait of a man. The form includes fields for name, date of birth, parents' names, profession, nationality, and marital status. On the right, there is a section for children and a section for the spouse. The name 'Dang Tang Cai' is written in the 'Références à l'étranger' section.

Figura 3. Dados pessoais de Tsou Poe Tsing

Durante a viagem que Tsou Poe Tsing e muitos outros imigrantes desta época fizeram, a bordo de um navio de passageiros ou de um cargueiro, surgiam e teciam-se novas relações. Todos os «viajantes» se encontravam em condições semelhantes e viviam uma experiência comum de viagem em condições desumanas, em busca de encontrar melhores oportunidades de vida.

Na história do cinema, ainda que o tema da imigração seja bastante abordado em muitos filmes, poucos exploraram o tema da viagem dos imigrantes e a sua chegada à terra de destino.

No filme *O Imigrante* (1917) de Chaplin, as imagens da viagem dos imigrantes rumo à Terra da Liberdade, a bordo de um navio, em 3ª classe, mostram, embora de forma exagerada e burlesca, as condições inumanas em que viajam no convés. Um lugar sem condições, onde a agitação do mar se fazia sentir de forma muito violenta, provocando enjoo e vômitos. Viajavam aninhados, rolando uns em cima dos outros, assemelhando-se mais a objetos ou animais do que a seres humanos.

No filme *America, America*, Elia Kazan [ele próprio imigrante, como se define no princípio do filme «O meu nome é Elia Kazan. Grego de sangue, Turco de nascimento, Americano porque o meu tio fez uma viagem»] sublinha a ideia de uma viagem muito longa, em condições difíceis, penosas para os futuros candidatos à imigração, que viajam em terceira classe, sem condições, expostos à intempérie.

⁷ Segundo os dados do passaporte emitido em França, em 1925, é provável que Tsou Poe Tsing tenha saído da China nesse ano, ou seja, com a idade de 29 anos.

Também a viagem da China para a Europa, na época de Tsou Poe Tsing, era muito longa (segundo o testemunho de Fernando Tsou, demorava um mês e meio), com várias paragens. Singapura foi um lugar de passagem, onde Tsou Poe Tsing (como muitos outros emigrantes rumo à Europa) fez escala antes de seguir viagem. Segundo Pan (2000), este era um lugar onde normalmente, nesta época, os emigrantes permaneciam cerca de dois dias. Marselha, outra terra onde Tsou desembarcou. Não se sabe quanto tempo aí demorou até ir para Paris. Como o referi anteriormente, a primeira data oficial da sua presença neste país é a que consta na autorização de residência, concedida no dia 6 de maio de 1924. Decorrido pouco mais de um ano, no dia 7 de julho de 1925, Tsou já residia na Holanda, conforme se pode confirmar pela sua autorização de residência em Antuérpia, que Fernando Tsou refere, por lapso, como sendo a Alemanha [cf. filme 00:17:17].

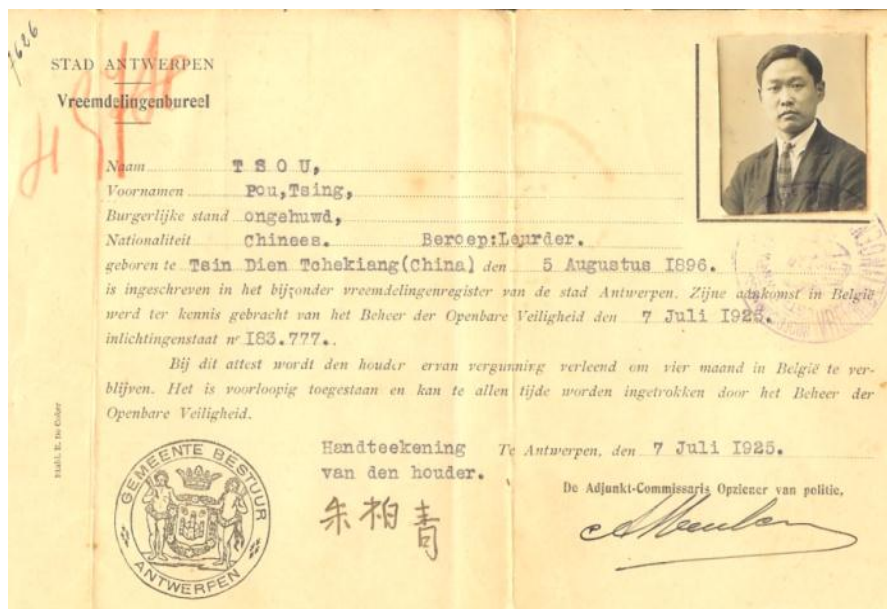


Figura 4. Autorização de residência de Tsou Poe Tsing em Antuérpia

Talvez uma carta do Ministro do Interior de França, escrita em 21 de março de 1931, na qual testemunha os movimentos de um grupo de migrantes Chineses da província de Zhejiang, por vários países da Europa, nos ajude a compreender um pouco melhor o percurso de Poe Tsing até chegar a Portugal.

Estes estrangeiros tinham chegado a Marselha, no dia 21 de janeiro de 1931, a bordo do navio *Angers* com visas de trânsito para a França para irem para Portugal ou para a Suíça. Em vez de ir para esses países, dirigiram-se para Paris para aí exercer o comércio de bibelôs exóticos. [...].

Os seus passaportes estavam munidos de visas de entrada e de saída da Alemanha, obtidos por intermédio de Chineses em Ravensbourg, em Estugarda, em Passau e pela embaixada alemã em Copenhaga»⁸.

⁸ Esta carta foi retirada do artigo «Des réseaux transnationaux: le cas des Chinois du Zhejiang», de Véronique Poisson (tradução minha).



Figura 5. Passaporte de Tsou Poe Tsing [1937]

Tsing chegou ao Porto provavelmente no final dos anos 1920⁹. Contudo, a data que consta num documento emitido pela Embaixada da China em Portugal a certificar a sua situação legal no nosso país, é 5 de fevereiro de 1937. No entanto, não foi nesse ano que chegou à cidade do Porto, mas alguns anos antes, como vamos ver mais adiante.

Após ter passado pelo Funchal, para onde embarcou acompanhado de um amigo, Fun Ha, apercebeu-se de que a Madeira era demasiado pequena para dois chineses que estavam interessados em dedicar-se à mesma atividade económica, a venda ambulante. Regressou ao Continente e decidiu experimentar a sua sorte na cidade do Porto, por esta ser uma cidade mais pequena e menos cosmopolita do que Lisboa e porque “o comércio e a indústria fervilhavam de atividade” [FT, 18/11/2005]. Durante algum tempo, foi vendedor ambulante nas feiras. No entanto, esse início foi muito curto. Depressa descobriu o filão das gravatas. Começou por comprar a seda à Lionesa¹⁰, entre outros fornecedores, e a confeccionar as gravatas que ele próprio vendia nas feiras a preços bastante económicos [cf. *Pioneiros*, 00:25:39].

Tsou Poe Tsing revela ter espírito de oportunidade e de empreendedorismo, na medida em que tendo-se apercebido de que, nesta época, a gravata fazia parte do vestuário da maior parte dos portugueses das cidades, mesmo dos mais pobres, não só confeccionou gravatas, como ainda se apropriou de uma matéria-prima de origem étnica (a seda) e a utilizou, com sucesso, no fabrico de um produto que adaptou à moda do país de acolhimento.

Do «pauzinho das gravatas» ao primeiro armazém chinês

Tsou Poe Tsing andou alguns anos com uma banca improvisada sobre os ombros a vender gravatas nos cafés da cidade e nas feiras. O «pauzinho das gravatas», um pedaço de madeira com cerca de um metro de comprimento, onde eram colocadas duas dúzias

⁹ Nesta época chegaram a Portugal 200 emigrantes dos arredores de Qingtian.

¹⁰ A Lionesa foi uma importante Fábrica de Tecidos, situada em Matosinhos que faliu em 1996.

de gravatas. As pontas do pau estavam ligadas por uma pega de couro, de forma a poder ser transportado a tiracolo.

Entretanto, multiplicou-se o número de vendedores ambulantes de gravatas. O senhor José, um portuense residente na Freguesia da Vitória, lembra-se de ver e ouvir os gravateiros pela cidade [Praça da Batalha, os cafés: a Brasileira, o Majestic, o Guarani] a vender e a fazer “publicidade” às gravatas, gritando o pregão “Gravatas... personalidade do homem” [cf. *Pioneiros* 00:24:04]. Recorda ainda que, “onde havia um engraxador, aparecia um gravateiro”.

Devia correr o ano de 1932 quando Tsou Poe Tsing alugou o primeiro andar do número 24 da Rua Porta do Sol, junto à Praça da Batalha, e aí estabeleceu o seu armazém e a residência. Segundo Fernando Tsou, o primeiro armazém chinês em Portugal. Começou por confeccionar gravatas. “A Lionesa forneceu muito tecido de seda para nós fazermos as gravatas” [FT, cf. *Pioneiros* 00:25:42].

Eles cortavam o tecido e um sem número de pessoas que trabalhavam em casa, que eram as gravateiras que se radicavam numa zona de Ermesinde, fora do Porto, Ermesinde, Gondomar, que levavam os panos cortados 60 por 40 e por cada pano desses faziam 2 gravatas. [...] Todos os dias as gravateiras chegavam ao armazém do meu pai com 6 dúzias, 10 dúzias de gravatas feitas e o meu pai pagava-lhes o feitio. Esse foi o primeiro negócio dos chineses cá em Portugal porque não podiam importar nada, não havia grandes comunicações entre Portugal e a China, nessa altura quando o meu pai se estabeleceu aqui, a China que imperava era a China nacionalista (Fernando Tsou [09/11/2005]).



Figura 6. Família Tsou no armazém, na rua Porta do Sol



Figura 7. Casa demolida deu lugar a edifício novo do Teatro Nacional de S. João, rua da Porta do Sol [fotografias cedidas por Fernando Tsou]

A empresa de Tsing não era uma empresa familiar, embora nela trabalhassem também a esposa e o filho. A mão de obra era constituída, em grande parte, por empregadas portuguesas, muitas delas a trabalhar à peça, no seu domicílio. Era uma empresa que confeccionava gravatas de seda com matéria-prima portuguesa e não importada da China, país da seda, porque nessa altura, no Império do Meio, vivia-se um período de grande instabilidade política, social, económica.

Passado uns anos, os chineses que estavam cá radicados todos estavam a produzir gravatas, todos estavam a fazer gravatas e a gravata vendia-se e começou-se a vender mais. (Fernando Tsou [09/11/2005]).

A arte da imitação entre os chineses continua hoje ainda tanto na China, como entre os chineses da diáspora. “Existem imensos plagiadores. Por exemplo, se um vizinho abre uma fábrica de brinquedos, logo outros o fazem também. Se alguém consegue lucrar com a venda de móveis, logo centenas de empreendedores abrem lojas de móveis ao lado” (Gu 2005: 66).

A confeção e a venda das gravatas ao público e aos revendedores marcaram o início da atividade de Tsou Poe Tsing, na Rua Porta do Sol. No entanto, não se ficou por aí. O seu espírito empreendedor e muito atento às necessidades do mercado levou-o a adaptar-se e a passar a produzir outros produtos para satisfazer os desejos dos clientes. Começou então a fabricar malas de senhora, cintos, porta-moedas, brincos...

As malas de senhora foram sem dúvida nenhuma uma das grandes apostas do meu pai, uma vantagem económica muito boa. A seguir, vieram as bijutarias que nós também comprávamos aqui em Gondomar, aquelas casas que faziam as filigranas, as caravelas, mais tarde, começaram a fazer brincos, importavam pérolas e faziam coisas muito engraçadas em bijutaria, esse negócio das bijutarias também foi muito bom. (Fernando Tsou [09/11/2005]).

Casamento exogâmico



Figura 8. Fotografia do casamento de Tsou Poe Tsing com Maria Adelaide

Com a vida estabilizada e com 39 anos, Tsou Poe Tsing não podia continuar solteiro. “O celibato era considerado [na China] um pecado contra a piedade filial. A principal função do matrimónio é ter filhos para que a linhagem familiar, determinada pela família do varão, não se extinga” (Antolín 2003: 81).

Na China, o casamento era decidido pela família dos futuros noivos. Normalmente era a mãe do noivo ou da noiva que se ocupava de procurar a sua futura nora ou genro entre alguém conhecido ou recorrendo à sua rede de relações, através de uma intermediária especializada. Contudo, em ambos os casos, era a intermediária que fazia o primeiro contacto com a outra família, pois não era muito correto fazê-lo diretamente. Era no primeiro encontro que ambas as partes decidiam se era possível chegar a um acordo, onde entravam em jogo tanto os interesses económicos como o prestígio. O passo seguinte consistia no encontro entre os pais dos noivos, que negociavam o «preço da noiva» e o valor do dote.

O casamento era, portanto, um contrato económico e ao mesmo tempo uma forma de “recrutar novos membros para o grupo. A mulher traz a sua força de trabalho e a sua capacidade reprodutiva. Fica submetida dentro da estrutura das relações hierárquicas domésticas como aponta a seguinte máxima popular: “uma mulher quando é criança obedece aos seus pais, quando se casa ao marido e quando é mãe a seus filhos varões»” (*idem* 2003: 83).

Esta conceção de casamento começou a ser posta em causa. Em 1931¹¹, foi promulgado o Código Civil, que fomentou uma mudança de atitudes relativamente à família e ao casamento, à piedade filial e ao papel da mulher na sociedade, sobretudo nas cidades, onde se observaram algumas mudanças relativamente ao comportamento tradicional: 1. Os pais acertam o casamento e pedem a aprovação dos filhos; 2. Os filhos

¹¹ Esta data não é consensual. Cartier (1986: 223) aponta o ano de 1934.

[rapazes e raparigas] escolhem os seus parceiros e pedem o consentimento dos pais; 3. Os filhos casam sem pedir o consentimento paterno. As duas primeiras mudanças continuam a ser um compromisso com o passado, a última revela um corte com os valores confucianos, com a piedade filial.

Nos espaços rurais, esta legislação não teve efeitos práticos, “tendo em conta a situação de guerra e caos que se viveu até finais de 1949. Continuaram as relações de obediência e submissão, o poder paternal inquestionável, o casamento arranjado e a concubinação” (Pires 1998: 117)

Em 1950, foi promulgada a Primeira Lei do Casamento que defendia a libertação das mulheres chinesas do sistema matrimonial feudal (Xinxin 2001: 15). Esta lei reafirma o “princípio da união por consentimento mútuo, a obrigação da monogamia, a igualdade no seio do casal e o direito ao divórcio da iniciativa de um ou de outro dos esposos. Concretamente, instaura um registo oficial, recusa a intervenção dos intermediários e denega qualquer valor obrigatório para pagamento dos presentes de noivado. A idade mínima continua fixada para 18 anos para as jovens e 20 anos para os rapazes” (Cartier 1986: 226). Contudo é recomendado que as jovens não se casem antes dos 25 anos e os rapazes antes dos 30 anos para diminuir a taxa de natalidade, manter o jovem adulto o mais tempo possível fora da célula familiar antiga e mais próximo das organizações políticas formadoras.

Tsou Poe Tsing assim como outros conterrâneos foi, de certa forma, “forçado” a contrair matrimónio fora do seu grupo. Talvez por isso, esse ato da sua vida tenha sido tão tardio, contrariamente ao que acontecia na China. Também não teve intermediários para procurar a noiva, por viver num país estrangeiro, onde quase não havia mulheres chinesas.

Conheceu Maria Adelaide Machado, uma adolescente, sua vizinha que morava nas traseiras da Rua da Porta do Sol. Em 1935, casaram. “Foi o primeiro casamento em Portugal entre um chinês e uma portuguesa, do qual nasceram cinco filhos [Fernando Tsou, cf. *Pioneiros* 00:21:45].

A natureza exogâmica destes matrimónios explica-se pelo facto de a imigração chinesa em Portugal ser em número muito reduzido e constituída essencialmente por homens. Quando celebrou o matrimónio, Poe Tsing não era já um vendedor ambulante, mas um empresário. Só quando atingiu um estatuto social elevado, pensou em casar e formar família.

A mobilidade social de Tsou Poe Tsing e dos filhos

A mobilidade social de Tsou não foi fruto do acaso, mas da conjugação de uma série de fatores pessoais, familiares e sociais. A sua trajetória profissional foi ascendente: na China, era um agricultor, embora no seu passaporte aparecesse a profissão de comerciante (cf. Fig. 3); em Portugal, começou como vendedor ambulante, depois devido ao seu empreendedorismo, ao sentido de oportunidade, ao seu espírito pragmático, tornou-se empresário. A escolha do Porto para se instalar também foi uma decisão importante que contribuiu para a sua ascensão social. O itinerário residencial na cidade foi mudando. Viveu na rua da Porta do Sol, nº 24, perto da Praça da Batalha, numa casa alugada [espaço onde funcionava o armazém, no rés do chão, e no primeiro andar, a residência] e, mais tarde, comprou uma casa na Travessa da Lomba, uma transversal da rua do Heroísmo, em Campanhã, quando Fernando Tsou tinha 19, 20 anos [cf. *Pioneiros* 00:30:24]. Esta mobilidade residencial teve lugar num perímetro

geográfico limitado, não representando uma mudança radical em termos de ambiente espacial e social.

Fernando Tsou ignorou o(s) espaço(s) onde o pai viveu até alugar o armazém na rua da Porta do Sol. Este silêncio pode dever-se ao facto de o pai nunca lhe ter contado esse momento da sua vida, difícil e dura como a de outros trabalhadores imigrantes não qualificados, cujo primeiro passo consistia na procura de trabalho, sendo a habitação deixada para segundo plano. Normalmente, nos primeiros tempos, os imigrantes viviam em condições deploráveis, alugando, muitas vezes, camas em quartos partilhados com outros homens ou mulheres, ou quartos em barracas sem nenhuma condições de salubridade. Essa situação, silenciada pelos atores que a viveram, não foi ignorada, nem esquecida pelo cinema. Imagens desses espaços insalubres, degradantes foram registadas pelos cineastas.

Em 1970, Robert Bozzi capta a imagem dos imigrantes que viviam nas barracas (*bidonville*) em Saint-Denis, a norte de Paris. “Fixei a sua imagem mas nada sei deles, nem mesmo os nomes”, são as palavras de Bozzi, ditas 25 anos mais tarde, no início do seu filme *Gens des Baraques*. Depois desse plano a cores, um negro irrompe na tela para fazer a passagem para as imagens de arquivo do bairro de lata em Saint-Denis. Sobre essas imagens do exterior e do interior das barracas, ouve-se a voz off de Bozzi “3 500 000, 600 000 de Itália, 700 000 de Espanha, 400 000 de Portugal atravessaram o mar para chegar 600 000 da Argélia, 60 000 da Tunísia, 100 000 de Marrocos, um total de 60 nacionalidades. Em França, mais de 4 000 000 de alojamentos estão já sobrelotados. A chegada dos imigrantes leva-os obrigatoriamente às barracas, às caves, aos bairros de pau e lata”.

Tal como os emigrantes portugueses, Tsing também pretendeu que os cinco filhos [três rapazes e duas raparigas] ascendessem socialmente através do acesso à educação. Todos estudaram, tendo concluído um curso superior, exceto Fernando Tsou que estudou apenas até ao antigo 7º Ano (o atual 11º Ano), porque ficou a ajudar o pai no armazém, onde permaneceu até 1972, momento em que, como queria formar família e ganhar mais dinheiro, foi trabalhar para uma Companhia de Seguros. Ainda que vivessem entre duas culturas, duas línguas, duas formas de pensamento: o oriental e o ocidental, o modelo que se impôs foi o da sociedade onde nasceram, nunca aprenderam a língua do pai e da China apenas ouviram as histórias que o pai lhes contava. Só um dos cinco filhos [Fernando Tsou] teve curiosidade em conhecer a aldeia do pai, os outros nunca manifestaram nem interesse, nem curiosidade. As primeiras imagens, que viram da China rural onde o pai vivia antes da longa aventura que empreendeu, foram as que lhes mostrei no momento da devolução do filme *Pioneiros, palavras e imagens da memória* a Fernando Tsou que, por sua iniciativa, convidou os irmãos e sobrinhos a assistirem à sua projeção.

O estatuto social elevado, que Poe Tsing conseguiu alcançar na sociedade portuguesa e conseqüentemente junto dos seus conterrâneos e a mobilidade social que proporcionou aos cinco filhos pela educação e formação que lhes possibilitou, assim como a sua idade foram, no meu entender, determinantes para a atribuição simbólica do papel de conselheiro dos seus conterrâneos pelo seu próprio grupo de pertença.

O meu pai sempre foi, primeiro, era o mais velho, um dos mais velhos da pequeníssima comunidade chinesa que existia cá no Porto e poucos havia mais velhos do que ele mesmo na comunidade nacional. Em Lisboa, havia uma, duas, três pessoas mais velhas do que ele, portanto mesmo em termos de aconselhamento, muitos vinham de Lisboa ao Porto falar com o meu pai, os do

Porto já cá estavam, falavam com ele todos os dias, mas de uma maneira geral o meu pai era muito requisitado em termos de aconselhamento. Foi o primeiro chinês que teve um filho médico, foi o primeiro chinês a ter um automóvel, portanto é muito natural que todos aqueles que depois se lhe seguiram ou todos aqueles que tinham a possibilidade, ou porque tinham uma portuguesa que queria casar com eles e eles queriam casar com elas, eles aconselhavam-se junto do meu pai, até porque o meu pai foi o primeiro chinês a casar com uma portuguesa em Portugal (Fernando Tsou [09/11/2005, cf. *Pioneiros*, 00:32:33]).

Este papel de “conselheiro” é atualmente desempenhado pelo filho, embora com algumas diferenças. Enquanto o seu pai desempenhava este papel junto dos seus conterrâneos, informalmente, em sua casa, Fernando Tsou aconselha os imigrantes chineses, tendo um estatuto diferente (não há uma relação de pares como acontecia no caso do pai, pois não viveu a experiência da imigração. Nasceu e viveu sempre no Porto) e num espaço institucional, a «Han¹²», empresa criada para a prestação de serviços à “comunidade chinesa” [cf. *Pioneiros*, 00:35:20].

Um sucesso em termos de integração...

Até à década de 60 do século XX, os países de imigração desenvolveram, no quadro das políticas de imigração, o modelo da assimilação com vista à incorporação dos imigrantes nas sociedades de acolhimento. Em Portugal, na época de Tsou Poe Tsing, assim como a de outros pioneiros da imigração chinesa, o nosso país contava com a presença de poucos imigrantes. Era essencialmente um país de emigração. Um país sem políticas que tivessem em conta a incorporação dos imigrantes na sociedade de acolhimento, até porque dos poucos migrantes que havia, alguns deles naturalizaram-se portugueses após o casamento com mulheres portuguesas, passando a ter os mesmos direitos sociais dos autóctones. Só a partir da década de 70, Portugal começou a desenvolver políticas e estratégias de imigração.

As relações interpessoais que Tsou Poe Tsing construiu com os autóctones, o seu matrimónio exogâmico, a educação dos filhos entre dois sistemas de conhecimento – o oriental e o ocidental¹³, entre duas culturas – a cultura chinesa que eles conheciam apenas das narrativas que lhe ouviam contar (embora não se exprimisse muito bem em língua portuguesa) e posteriormente dos livros que leram e a cultura portuguesa, no seio da qual nasceram e vivem, o facto de os filhos estudarem na escola portuguesa e terem amigos portugueses que frequentavam a sua casa; a sua participação em cerimónias religiosas do culto cristão (todos os anos, no dia 13 de maio participava nas cerimónias religiosas em Fátima) contribuíram certamente para a sua integração social em Portugal.

Tsou Poe Tsing integrou-se na sociedade de acolhimento, mantendo contudo a sua cultura e a língua de origem (segundo o testemunho de Fernando Tsou, o domínio da língua portuguesa nunca se verificou totalmente, havendo muitas vezes dificuldades de

¹² Han é o nome da principal etnia chinesa. Das 56 etnias, a Han representa cerca de 92% da população total. A escolha do nome para este espaço permite, de certa forma, situar esta empresa do lado da maioria. Opção não tomada por acaso, na medida em que os imigrantes chineses em Portugal pertencem à etnia Han.

¹³ “No oriente o conhecimento impregna o sujeito, que como um recetáculo vazio está simplesmente ali, como uma semente à espera da chuva para se tornar árvore. No ocidente, pelo contrário, o sujeito cognoscente busca as conexões, interroga a realidade” (Lima, Sarró 2006: 29);

comunicação entre ele e a família), facto que não se observou em outros seus conterrâneos, que apenas se inseriram economicamente.

Ainda no sentido de melhor se integrar na sociedade portuguesa, Tsou Poe Tsing como outros chineses, que estejam quer na sua terra natal quer no estrangeiro, construiu laços, relações interpessoais e de amizade com pessoas portuguesas influentes, com fornecedores e até com alguns clientes, assentes na *guanxi* e que é, muitas vezes, categorizada como “suborno” por todos aqueles que desconhecem a cultura chinesa.

Eu lembro-me que, na altura, o meu pai tinha 2 grandes amigos no seio da família: Vasco Batista, o chefe das Finanças, quando as Finanças eram ainda no edifício em frente ao Aljube (as prisões, ali na Praça D. Amélia) e havia outro que era um comerciante do Porto, o Jerónimo, e esses dois amigos tratavam de lhe resolver uma ou outra dificuldade que ele tivesse em termos da sua integração, porque como comerciante ele tinha, durante muitos anos, problemas a resolver, os problemas eram resolvidos por quem sabia e quem sabia era esse Sr. Vasco e esse Sr. Jerónimo. Claro, depois aparecia também fornecedores, que apareciam como fornecedores e transformaram-se em amigos e nisso o chinês é muito carente de boas amizade, um indivíduo que auxilia um chinês, é um indivíduo a quem eles ficam com uma gratidão muito grande (Fernando Tsou [18/11/2005]).

Tsing cria uma relação de amizade com dois elementos [o chefe das Finanças e um comerciante] estranhos ao círculo familiar, na medida em que sabe como é importante poder contar com a ajuda de ambos, pertencentes a áreas diferentes, para a resolução de problemas burocráticos, ou seja, para viver em segurança, numa sociedade onde as sanções sociais existem.

Nas relações baseadas na *guanxi*, entram em jogo a proximidade ou o afastamento, a componente afetiva, a reciprocidade. A *guanxi* é próxima quando há uma troca de favores, presentes, ajuda, dinheiro, etc. Uma das estratégias para tornar a *guanxi* próxima é, por exemplo, fazer um convite para tomar uma refeição. Fernando Tsou foca precisamente esse aspeto: “O meu pai fazia dos fornecedores amigos, dos clientes amigos, havia um núcleo de pessoas que procuravam conviver e ajudar, porque o chinês reconhece essa ajuda e retribui. A retribuição era sempre uma retribuição de convites, muitas vezes, de alguns amigos portugueses para jantar. [...] O meu pai era muito dado a fazer as suas confraternizações com os poucos chineses que havia e com os portugueses amigos que eram da família” [FT, 18/11/2005, cf. *Pioneiros*, 00:33:10].

Poe Tsing era um imigrante muito trabalhador, empreendedor, lutador, que tendo vivido a maior parte da sua vida, em Portugal, durante o Estado Novo, ainda assistiu à Revolução de abril de 1974, que pôs fim à ditadura e ao reatar das relações com a República Popular da China. No seu país natal, nessa época vivia-se no denominado período da Revolução Cultural Proletária (1966-1976), época de violentas lutas sob o poder dos Guardas Vermelhos, espalhados por todo o território chinês para descobrir e atacar os latifundiários, os camponeses ricos, os criminosos, os indivíduos de direita, os contrarrevolucionários, os capitalistas e os emigrantes (*huaqiao*¹⁴).

Durante a revolução cultural os *huaqiao* eram considerados perigosos e o seu contacto, contaminante. Isto pressupôs um regresso à imagem do emigrante

¹⁴ Para mais informações sobre a utilização desta terminologia consulte-se Bourbeau 2002: 26, 27.

própria da dinastia Qing quando foram etiquetados como traidores e espíões porque entre eles havia opositores à dinastia manchú e colaboracionistas com as potências ocidentais (Beltrán Antolín 2003: 64).

Em Portugal, Tsou Poe Tsing gozou até ao fim da sua vida [1978] de um boa imagem junto dos portugueses que com ele conviviam.

O chinês é um tipo afável, é um tipo de pessoa com um comportamento muito alegre e um comportamento que transpira muita honestidade, muita gratidão e insere-se também, o engraçado da questão, é que o chinês insere-se numa ânsia que nós, portugueses temos de falar com alguém de uma terra tão longínqua, nós gostamos também muito de conhecer o que é que se passa do outro lado e se não podemos lá ir, e na altura, era muito difícil ir lá, se tínhamos um indivíduo cá que nos contasse o que se passava, pois tanto melhor, o português também é curioso nessas situações, portanto é muito natural que houvesse uma proximidade muito grande entre a comunidade portuguesa que ladeava esses chineses e o chinês e portanto havia um intercâmbio muito bom de «deixa-me ir falar ali com o chinês lá do sítio» e as pessoas viam-no e falavam e viam que o indivíduo era um indivíduo muito tratável (Fernando Tsou, [18/11/2005]).

Ao perguntar a Jorge Lima, um português casado com a filha de um dos vizinhos da rua da Porta do Sol, como representa Tsou Poe Tsing, foram estas as suas palavras: “uma pessoa excelente”, “ele era um tipo baixinho, forte... o primeiro chinês que conheci foi ele, era uma simpatia de pessoa” [03/02/2006]. O senhor José, amigo de Jorge Lima que encontramos, por acaso, num café numa das ruas da Freguesia da Vitória, [espaço que escolheu para conversar sobre os “gravateiros” na cidade do Porto], acrescentou às palavras do amigo que “Deus deu-lhes [aos chineses] os olhos pequenos mas uma inteligência muito grande” [José, 03/02/2006].

O carácter exótico, distante, que cria a curiosidade, o desejo de ouvir contar histórias sobre o país longínquo, remete-nos, ainda que de forma inversa (aqui quem viajou, trouxe histórias, hábitos e costumes do seu país foi o indivíduo oriundo do Oriente) para as narrativas que os viajantes, os missionários e os primeiros etnólogos de terreno construíram sobre o outro, distante, longínquo.

A retórica da monografia de terreno tem verdadeiramente o poder de transfigurar o outro. De lhe inventar a silhueta «nobre» ou «feroz», «pacífica» ou «guerreira», «amável» ou «antipática». O antropólogo fabrica depois põe em circulação imagens sobre as culturas e os povos que se tornam, com o tempo, partes integrantes da cultura do Ocidental médio e lugares comuns da curiosidade [...] (Kilani 2000: 70).

Referências bibliográficas

- AMARO, A. M. (1998) *O Mundo Chinês, um diálogo entre culturas*. Vol. II. Lisboa, ISCSP.
- BELTRÁN ANTOLÍN, Joaquín, 2003, *Los Ocho Inmortales Cruzan el Mar*. Barcelona, Edicions Bellaterra.
- BOURBEAU, P. (2002) *La Chine et la Diaspora Chinoise*. Paris, L’Harmattan.

- CARTIER, M. (1986) “La longue marche de la famille chinoise”, em BURGUIERE, André *et al*, *Histoire de la Famille en Chine. Le choc des modernités*. Paris, Armand Colin, 211-235.
- GU, Z. (2005) *Made in China. O maior palco da globalização no século XXI*. Famalicão, Centro Atlântico.
- HENSHALL, K. (2004) *História do Japão*. Lisboa, Edições 70.
- KILANI, M. (2000) *L’Invention de l’Autre, essais sur le discours anthropologique*. Paris, Editions Payot Lausanne.
- LIMA, A. P., SARRÓ, R. (2006) *Terrenos Metropolitanos, Ensaio sobre produção etnográfica*. Viseu, ICS.
- MA MUNG, E. (2000) *La Diaspora Chinoise, géographie d’une migration*. Paris, Éditions Ophrys.
- MORBEY, J. (1990) *Macau 1999: O desafio da transição*. Lisboa, Edição do Autor.
- NUNES, M. F. (2008) *Imagens das Migrações. Chineses na Área Metropolitana do Porto. Do ciclo da seda à era digital*. Tese de doutoramento. Universidade Aberta.
- PAN, L. (org.) (2000) *Encyclopédie de la Diáspora Chinoise*. Paris, Les Éditions du Pacifique.
- PIRES, A. P. (1998), “Do casamento tradicional ao casamento contemporâneo”, em AMARO A. M., JUSTINO, C., *Estudos sobre a China I*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais e Políticas, 95-130.
- POISSON, V. (2006) “Des réseaux transnationaux : le cas des Chinois du Zhejiang”, *Outre-Terre*, nº 17, 421-430.
- XINXIN, C. (2001) “La nueva Ley del Matrimonio: un reflejo de los cambios sociales”, Disponível em <http://www.chinatoday.com.cn/hoy/2k1/hoy-3/hyf.htm7-33>. Acesso em 22 de maio de 2006.

Referências Filmográficas

- America, America*, 1964. Dir. Elia Kazan. Wild Side Video.
- Les Gens des Baraques*, 1995. Dir. Robert Bozzi. França.
- O Imigrante*, 1917. Dir. Charlie Chaplin. JRB.
- Pioneiros, palavras e imagens da memória*, 2007. Dir. Maria Fátima Nunes. Portugal.

The Successful «Journey» Of Tsou Poe Tsing

*I intent to reflect about the journey from China to Portugal undertaken by Tsou Tsing Poe, one of the pioneers Chinese immigrants who arrived in Porto, in the 1920s. However, as the journey was only the beginning of life-changing of Tsing, which was an example for such a small Chinese community in Portugal, I propose to narrate her life story, from the journey, the insertion into the host society to the social mobility. I will base myself in words and memory pictures of one of his sons, Fernando Tsou, set in the documentary *Pioneers, words and images of memory*¹, and still other people voices who knew him, other texts, other images that will be a counterpoint to the field collected information.*

Key words: Chinese immigration, culture and identity, networks, guanxi, social mobility, movie